

A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR COMO PRÁTICA CULTURAL: TENSÕES E RISCOS*

JOCIMAR DAOLIO**

RESUMO

Este ensaio discute a Educação Física Escolar, a partir dos recentes aportes das Ciências Humanas, em particular da Antropologia Social. O estudo aborda especificamente três tensões – e os respectivos riscos – surgidas atualmente na área com a discussão da Educação Física como prática cultural: a eficácia simbólica da Educação Física Escolar; a tensão entre unidade e diversidade presente na área; e a relação com o outro na dinâmica pedagógica empreendida pela Educação Física Escolar.

PALAVRAS-CHAVE: educação física escolar – prática cultural

INTRODUÇÃO

Não há dúvida de que a Educação Física Escolar está passando por grandes transformações. Se antes era definida como disciplina escolar responsável pelo ensino de técnicas esportivas, atualmente é considerada componente curricular responsável pelo trato pedagógico de conteúdos culturais. De área que lidava com a aptidão física, rendimento atlético, passa a ser reconhecida como área que aborda os conhecimentos corporais culturais. Antes, buscava justificativa apenas nas Ciências Biológicas, hoje tem-se grande aporte de subsídios teóricos das Ciências Humanas. Nos currículos dos cursos de graduação, se havia predominância das disciplinas biológicas e esportivas, hoje elas convivem com as disciplinas das Ciências Humanas, como a Antropologia, a Sociologia, a História, dentre outras.

* Este texto constitui-se resumo da conferência inaugural da segunda reunião do Programa de Formação Continuada para Professores de Educação Física da Rede Estadual de Minas Gerais, promovida pela UFMG.

** Professor da Faculdade de Educação Física da Unicamp e coordenador do Grupo de Estudo e Pesquisa Educação Física e Cultura.

Entretanto, como em toda transição, nem tudo parece resolvido. Ainda não é consenso a Educação Física Escolar tratar da cultura corporal de movimento. Alguns estudiosos da área defendem que a Educação Física trata da saúde; outros, dizem que ela lida com o movimento humano. Outros, ainda, a colocam como integrante exclusiva das Ciências Naturais, desconsiderando a clara interface com as Ciências Humanas.

Dentre aqueles que citam a cultura como importante conceito para a área, alguns ainda a confundem com conhecimento formal; outros, tratam a cultura de forma preconceituosa e elitista, quantificando-se o grau de cultura, ou como sinônimo de classe social mais elevada, ou mesmo como indicador de bom gosto. Ouvem-se com frequência afirmações de “mais ou menos cultura”, “ter ou não ter cultura”, “cultura refinada ou desqualificada” e assim por diante.

Mesmo entre os estudiosos que se fundamentam nas Ciências Humanas, percebe-se certo diletantismo no uso do termo cultura, como se fosse uma moda, carecendo os conceitos de devida profundidade. Às vezes, cultura é tomada apenas como consequência de um sistema nervoso, produto do cérebro humano; outras vezes, cultura é compreendida como essência do ser humano, lembrando as proposições iluministas do século XVIII; outras vezes, cultura é pensada como produto e soma de mentes individuais; por vezes, ainda, cultura é tomada de forma padronizada, como se fosse manifestação única e monolítica de classe social.

Temos estudado a Educação Física – e a Educação Física Escolar – a partir da Antropologia Social, seguindo as contribuições de Marcel Mauss e Clifford Geertz. O primeiro, francês, foi um dos precursores da Antropologia Social na primeira metade do século XX. Mauss (2003) cunhou o conceito de Fato Social Total, até hoje importante para as Ciências Humanas, e discutiu de forma pioneira o corpo e as técnicas corporais a partir de um referencial cultural.

Clifford Geertz (1989, 1997, 2001), americano e contemporâneo, pratica a chamada Antropologia Interpretativa e parte de um conceito semiótico de cultura. Para ele, a cultura é a própria condição de vida de todos os seres humanos. Ela é produto das ações humanas, mas também processo contínuo pelo qual as pessoas dão sentido às suas ações. Constitui-se, a cultura, processo singular e privado, e também plural e público. Ela é universal porque todos os humanos a produzem, mas é também local, uma vez que é a dinâmica específica de vida, sig-

nificando o que o ser humano faz. Segundo o autor, a cultura é pública porque os significados são públicos. Portanto, todos os humanos fazem cultura o tempo todo, porque estão manipulando símbolos e atualizando significados para orientar suas ações. Enfim, estão ressignificando continuamente suas ações no mundo.

É nesse sentido, e a partir desse referencial, que temos afirmado que a cultura é a principal categoria para se compreender e discutir a Educação Física Escolar. A partir dessas considerações, amplia-se sobremaneira o conceito de ser humano e de corpo humano. A ação da Educação Física deixa de ser a de uma atuação objetiva de fora para dentro sobre o aluno, atingindo apenas sua dimensão física, como se ela existisse fora de um contexto sociocultural. Amplia-se também o conceito de técnica para a Educação Física, deixando de ser o movimento mais correto, mais econômico, espelhado nos gestos esportivos de alto nível. Técnica passa a ser qualquer movimento dos alunos, constantemente reconstruído e sempre dotado de significados culturalmente construídos. Enfim, pode-se pensar a Educação Física Escolar considerando a dimensão cultural simbólica, a partir de aspectos estéticos, expressivos, subjetivos, artísticos, humanos.

Assim, pode parecer que tudo está perfeito e que a nova concepção de Educação Física, calcada nos conhecimentos oriundos das Ciências Humanas, em particular da Antropologia Social, é suficiente para a superação dos antigos problemas da área. Infelizmente, não é possível afirmar isto, porque a discussão cultural inaugura outros debates e levanta questões originais que, em outras épocas, não eram relevantes ou sequer percebidas. Novos estudos sempre trazem novas problematizações. Percebemos três pontos de tensão a partir das recentes discussões culturais na Educação Física Escolar, três problemáticas que, longe de se constituírem em dificuldades ou entraves, estimulam o contínuo debate na área.

A PRIMEIRA TENSÃO: A EFICÁCIA SIMBÓLICA DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Non há técnica e non há transmissão se non houver tradução. Eis em quê o homem se distingue antes de tudo dos animais.

(Marcel Mauss)

Marcel Mauss e, posteriormente, Claude Lévi-Strauss, dentre outros antropólogos, estudaram a noção de eficácia simbólica, como uma característica presente nas ações humanas, vistas como construções culturais. Lévi-Strauss (1975), em interessante análise da cura xamanística, afirmou que esta é dotada de eficácia simbólica, justamente porque possui propriedade indutora de uma transformação orgânica. Essa propriedade indutora está presente no próprio conjunto de crenças e rituais de um dado grupo indígena, no caso do exemplo citado pelo autor.

Mauss, em seu clássico texto sobre as Técnicas Corporais, afirmava que todo gesto corporal constitui-se em técnica, uma vez que é dotado de tradição e eficácia, equiparando as técnicas corporais às demais técnicas humanas, como as técnicas de cozimento de alimentos, de plantio, de adorno etc. Segundo ele, o homem cria, ao longo de sua existência e em função de seu contexto cultural, certos costumes, que são transmitidos de geração a geração.

Esses procedimentos vão se tornando tradicionais justamente porque são dotados de eficácia simbólica, ou seja, respondem a certas demandas da sociedade onde estão, possuindo significados relevantes para o grupo local.

É importante perceber que o termo eficácia simbólica não se confunde com eficiência técnica, no sentido de resultados imediatos ou de realização de objetivos determinados. Esses dois conceitos não devem se opor como se um existisse em vez ou no lugar do outro. Na verdade, na tradição antropológica, esses conceitos são de tipos diferentes. Quando se fala em eficácia simbólica, está-se referindo aos significados tradicionais que orientam e fornecem sentido a certas ações coletivas.

A Educação Física, tomada neste texto como prática cultural, apresenta também certa tradição e certos procedimentos, consolidados ao longo do tempo e dotados de eficácia simbólica. Isso quer dizer que a forma como a Educação Física se coloca na escola faz sentido para todos os atores envolvidos em sua prática, professores, alunos, pais, professores de outros componentes, direção escolar.

Olhar para a Educação Física Escolar como prática cultural implica reconhecer, por um lado, que ela vem sendo criticada nas discussões acadêmicas por ser vazia de conteúdo, por não possuir especificidade pedagógica, por ainda caracterizar-se pelo tecnicismo, ou mesmo, ser encarada como mera recreação. Por outro lado, essa mesma Educação Física tradicional responde de forma eficaz à demanda colocada pela

comunidade escolar. Essa eficácia parece estar diretamente proporcional ao caráter repetitivo, monótono e pouco útil atribuído pelos alunos às outras disciplinas escolares e à Escola.

Esta eficácia simbólica foi construída ao longo do tempo e pode ser constatada por meio das opiniões dos alunos, para quem as aulas de Educação Física, apesar de tudo, são as mais interessantes e prazerosas da escola. A eficácia simbólica pode, também, ser percebida pelo relato de professores, que tendem a justificar a área a partir de objetivos gerais, como respeito às regras esportivas e sociais, disciplina, socialização, dando importância maior a ela que a outros componentes curriculares. Essa eficácia pode, ainda, ser constatada pelo limite pouco definido na escola entre atividades curriculares e extracurriculares, fazendo com que a Educação Física se responsabilize pelas festas, campeonatos e desfiles, o que lhe conferiria maior importância e reconhecimento.

Enfim, os professores de Educação Física, quase sempre, são os mais queridos da escola e isso não é pouco nem pode ser desconsiderado. São os mesmos professores que, em muitas análises acadêmicas, foram desvalorizados ou levemente criticados.

Considerando a eficácia simbólica que a Educação Física possui na escola, conferindo tradição a ela, podemos resumir a primeira tensão da seguinte forma: como transformar a prática escolar de Educação Física, como melhorá-la, sem perder o que ela construiu ao longo de décadas? Como transformá-la sem negar sua identidade? É evidente que as contribuições acadêmicas e as críticas à prática tradicional de Educação Física são fundamentais para a desejada transformação, mas os riscos devem ser cuidadosamente considerados.

O risco que se coloca para a Educação Física a partir dessa discussão é que, ao tentar transformá-la rapidamente e “na marra”, pode-se acabar por destruí-la. Ou, dito de outra forma, o risco é jogar a água suja do banho junto com o bebê.

A SEGUNDA TENSÃO: A UNIDADE E A DIVERSIDADE DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Temos o direito a ser iguais quando a diferença nos inferioriza, temos o direito a ser diferentes quando a igualdade nos descaracteriza.

(Boaventura de Sousa Santos)

A prática antropológica – e a prática de todas as Ciências Humanas – sempre se viu diante da tensão entre a unidade da espécie humana e a diversidade de expressões e hábitos dos vários agrupamentos humanos. Praticar antropologia pressupõe a compreensão de uma humanidade com algumas características gerais comuns, porém, pressupõe também o aceite de que os vários grupos humanos espalhados pelo mundo manifestam-se de maneiras absolutamente diferentes. François Laplantine (1988) afirma que o que os seres humanos têm em comum é a capacidade para se diferenciar uns dos outros.

Nessa tensão entre unidade e diversidade, a Antropologia já se viu refém de um dos extremos, ora considerando os seres humanos a partir de concepções evolucionistas e reduzindo as diferenças a estágios ou níveis de desenvolvimento; ora valorizando sobremaneira as diferenças humanas e correndo o risco de um relativismo que acabou por anular a própria condição humana geral.

Podemos pensar esse debate entre unidade e diversidade também na Educação Física Escolar, especificamente quando se discute os conteúdos que dela fazem parte. Na tradição da área, os conteúdos a serem trabalhados eram bem definidos: as técnicas de movimento, quase sempre as esportivas, ensinadas de forma fechada, rígida, disciplinar. Criticamos isso hoje, mas foi isso que deu identidade à Educação Física na escola durante muito tempo. Devíamos ensinar aos alunos a prática do Futebol, Basquetebol, Handebol e Voleibol e esses conteúdos esportivos eram transmitidos não como conhecimento de um patrimônio cultural no sentido amplo, mas com ênfase apenas na execução correta de gestos técnicos.

As discussões culturais recentes, por levar em conta as diferenças manifestas pelos alunos e as características culturais de cada grupo, sugerem a relativização da noção de desenvolvimento dos mesmos conteúdos da mesma forma em todos os contextos. A partir dessas discussões culturais, acreditamos estar lidando com a cultura relacionada aos aspectos corporais, expressos nos jogos, nas formas de ginástica, nas danças, nas lutas e nos esportes. Sem dúvida, esses são os nossos grandes temas de conteúdo. Contudo, se assumimos que o conhecimento popular corporal ocorre diferentemente em função do contexto, possuindo significados específicos, não é possível defender o desenvolvimento dos mesmos conteúdos de forma seqüencial, unilateral, centralizada e universal.

Em outras palavras, a segunda tensão que se coloca ao debate pode ser expressa da seguinte forma: como garantir, ao mesmo tempo, a unidade da Educação Física Escolar e a consideração da diversidade necessária para a área? Se um componente curricular escolar é definido por um conjunto de conhecimentos que delimitam os conteúdos a serem reconstruídos em aula, como definir os conteúdos da Educação Física Escolar, considerando sua expressão e significados diversos em função dos vários contextos onde ocorrem?

O risco aqui é pender para um dos extremos. Se se garante rigidamente a unidade da área em termos de conteúdos, pode-se desconsiderar os significados específicos de cada conteúdo em cada contexto. Caso contrário, se se leva em conta a diversidade de contextos, corre-se o risco de diluição imensa dos conteúdos, chegando até mesmo ao fim da Educação Física Escolar.

Poderemos cair num vale-tudo metodológico que pode culminar com a morte da área. Em outras palavras, se tudo vale em termos gerais, nada vale especificamente.

A TERCEIRA TENSÃO: O “OUTRO” NA RELAÇÃO PEDAGÓGICA DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

O outro é uma figura possível de mim, como eu dele.
(François Laplantine)

Eu sou o outro.
(Machado de Assis)

Ao longo da história da estruturação da Antropologia, desde a segunda metade do século XIX, mas sobretudo ao longo do século XX, uma das principais preocupações da nova área que se constituía foi a de encontrar e localizar o Outro na relação de pesquisa. Às vezes, esse Outro esteve imiscuído no próprio observador, tornando a observação refém do etnocentrismo colonizador; por vezes, o Outro esteve diluído no próprio conjunto de características idiossincráticas do grupo, tornando a observação refém do relativismo.

Em ambos os casos, a pesquisa antropológica esteve comprometida, pois a relação observador-observado estava pautada ainda por um cientificismo que separava o sujeito observador do objeto observado.

De fato, se é necessário distinguir o sujeito que observa do sujeito que é observado, parece impossível dissociá-los, pois ambos compõem uma relação definida pela intersubjetividade. É essa característica da pesquisa antropológica que está expressa no princípio da alteridade, conceito caro para a Antropologia. É necessário nos colocar no lugar e na condição do Outro para melhor compreendê-lo e para tornar possível a interpretação de sua dinâmica cultural. Roberto DaMatta (1978) afirma que a Antropologia é um mecanismo dos mais importantes para deslocar nossa subjetividade, uma vez que ela estabelece uma ponte entre dois universos de significação.

No caso da Educação Física Escolar, podemos constatar que enquanto a área pautou-se apenas por explicações biológicas, objetivando padrões atléticos, os alunos eram homogeneizados. Os Outros dessa relação pedagógica eram todos, biologicamente, muito semelhantes. A diferença, quando percebida, era justificada por características congênitas (vistas como positivas ou negativas). Daí a exigência e ênfase nas aulas de Educação Física de contagem de número de voltas, metragens mínimas, marcações de tempo, índices, recordes etc. Quem não conseguisse atingir determinados padrões era considerado menos apto, sem talento, ou congenitamente incapaz.

O aluno – o Outro da relação pedagógica da Educação Física Escolar tradicional – era, portanto, objetivado em comportamentos motores e padrões atléticos. Além disso, o professor, ao preocupar-se apenas com o Outro objetivo, permanecia ausente da relação pedagógica, causando uma dupla eliminação do sujeito na Educação Física Escolar tradicional.

Ora, se se olha com óculos biológicos para o ser humano, enxerga-se primeiramente as semelhanças físicas entre os indivíduos. Qualquer ser humano do mundo possui a mesma constituição biológica, que o torna humano. Contudo, se se olha com lentes das Ciências Humanas, enxerga-se as diferenças culturais, sociais e individuais. Todo ser humano é diferente de outro, quer seja em termos culturais ou em termos individuais.

A terceira tensão que se coloca neste debate pode ser resumida da seguinte forma: como localizar, compreender e alcançar o Outro na relação pedagógica da Educação Física Escolar? Em outras palavras, como compatibilizar as aulas de Educação Física para toda uma classe, para toda uma escola, e, ao mesmo tempo, para cada indivíduo? Se a prática

de Educação Física Escolar é eminentemente coletiva, como levar em conta as diferenças humanas e pautar as aulas por uma relação de intersubjetividade que considere as diferenças?

O risco aqui é que a Educação Física Escolar qualifique seu discurso defendendo a relação intersubjetiva, mas continue não atingindo todos os alunos. Pela própria dificuldade em lidar com as diferenças apresentadas pelos alunos, a Educação Física Escolar pode diluir o Outro num coletivo abstrato e indefinido, perdendo-o na relação. Dito de outra forma, o risco é considerar o Outro, ao invés de um possível de mim, um desigual de mim.

CONCLUSÃO

Se as coisas são inatingíveis... ora!
Não é motivo para não querê-las...
Que tristes os caminhos, se não fora
A mágica presença das estrelas!
(Mario Quintana)

Discutimos três tensões que, na minha percepção, se destacam atualmente na Educação Física Escolar, justamente pelo recente aporte de conhecimentos das Ciências Humanas, em particular da Antropologia Social. Pensar a Educação Física Escolar como prática cultural nos faz reconhecer e considerar sua tradição criada ao longo de décadas. Em que pesem a profundidade de análise e o desejo de transformação, as novas proposições acadêmicas não devem negar a eficácia simbólica que a área conseguiu ao longo do tempo, sob risco de se distanciar do cotidiano da área.

Pensar a Educação Física Escolar como prática cultural nos faz buscar o equilíbrio entre a unidade da área em termos de conteúdos e a consideração da diversidade necessária para a aplicação desses conteúdos. Por um lado, porque se um componente curricular é definido por conter determinados conteúdos, por outro lado, eles se materializam em contextos culturais diversos.

Pensar a Educação Física Escolar como prática cultural nos leva a repensar a relação com o Outro dessa dinâmica pedagógica, redefinindo-o de forma diferente de outras épocas. Como definir o Outro não mais como um objeto de uma intervenção pedagógica, sem diluí-lo

num coletivo abstrato, mas considerando-o como um sujeito de uma relação intersubjetiva?

Uma área acadêmica que se pretenda dinâmica, viva, continuamente instigadora de questões, não pode desejar para si a paz e o silêncio dos cemitérios. O debate contínuo e profundo gera novas problemáticas, que suscitam questões e novas investigações científicas. As tensões, afirmadas anteriormente, são oriundas desse processo e necessárias para o contínuo repensar da área de Educação Física Escolar. Não cremos em soluções definitivas para essas tensões, mas não há dúvidas de que elas nos fazem repensar a área e melhorar nossa prática. Restamos saber conviver com as constantes tensões acadêmicas e, mais que isso, aprender sempre com elas.

Uma ação transformadora na Educação Física Escolar por certo não se constituirá por meio de proposições pontuais ou legalistas. Por certo, não será originária de um grande projeto nacional. Será fruto de um processo – sempre lento, denso e tenso – de debates, posicionamentos, proposições, críticas, avanços e recuos. Será mais efetivo se conseguir penetrar o universo cotidiano de representações que os professores de Educação Física possuem, decifrando os significados de sua prática e entendendo a mediação com os fatores político-institucionais.

Daí a importância e a necessidade de considerar a atuação da Educação Física Escolar como prática cultural. Qualquer abordagem de Educação Física que negue a dinâmica cultural inerente à condição humana, correrá o risco de se distanciar do seu objetivo último: o ser humano como fruto e agente de cultura. Correrá o risco de se desumanizar.

PHYSICAL EDUCATION IN SCHOOLS AS A CULTURAL PRACTICE: TENSIONS AND RISKS

ABSTRACT

This paper discusses Physical Education in school in view of the recent achievements in Human Sciences, especially Social Anthropology. It deals specifically with three tensions – and respective risks – that come up when Physical Education as a cultural practice is discussed: the symbolic efficacy of Physical Education in school; the tension between unity and diversity in that field; and the relation with the Other in the pedagogic dynamics created by Physical Education in school.

KEY-WORDS: physical education in school – cultural practice.

LA EDUCACION FISICA ESCOLAR COMO PRACTICA CULTURAL: TENSIONES Y RIESGOS

RESUMEN

Este ensayo discute la Educación Física Escolar a partir de los recientes aportes de las Ciencias Humanas, en particular de la Antropología Social. Aborda específicamente tres tensiones – y los respectivos riesgos – que surgen actualmente en el área a partir de la discusión de la Educación Física como práctica cultural; la eficacia simbólica de la Educación Física Escolar; la tensión entre unidad y diversidad presente en el área; y la relación con el Otro en la dinámica pedagógica emprendida por la Educación Física Escolar.

PALABRAS-CLAVES: educación física escolar – práctica cultural.

REFERÊNCIAS

DAMATTA, R. O ofício de etnógrafo, ou como ter “anthropological blues”. In: NUNES, Edison de O. (Org.). *A aventura sociológica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1978.

GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

_____. *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. *Nova luz sobre a antropologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

LAPLANTINE, F. *Aprender antropologia*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

LÉVI-STRAUSS, C. *Antropologia estrutural*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

MAUSS, M. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

Recebido: 31/03/2005
Aprovado: 01/06/2005

Endereço para correspondência:
Faculdade de Educação Física – UNICAMP
Av. Érico Veríssimo, 701
Caixa Postal 6134
Campinas – SP
CEP 13083-851
E-mail: jocimar@fef.unicamp.br